

O que fazer Europa, depois de mais um «não»?

O «não» irlandês ao Tratado de Lisboa, que venceu por uma margem confortável de 53.4% para 46.6%, deixou pela Europa um rasto de desalento. Na ressaca do choque, a pergunta mais formulada na imprensa europeia dos últimos dias foi: Que fazer para sair deste impasse? Lemos alguns dos principais jornais europeus e encontramos possíveis soluções para a crise europeia, algumas pessimistas, como as que apelam ao fim do tratado, e outras mais confiantes, como as que sugerem a repetição do referendo irlandês na expectativa, quase certa, de que o Tratado finalmente avance.

Continuar a ratificação e repetir o referendo

Esta foi a primeira reacção da UE, e a mais consensual até ao momento, e que surgiu pela voz do presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso. Afirmando que o «não» da Irlanda não é um «não» à UE, salientou que embora a Europa deva analisar o significado desta resposta, o processo de ratificação do Tratado de Lisboa tem de continuar. A ideia foi logo defendida pelo presidente francês Nicolas Sarkozy, que será o presidente da UE neste segundo semestre de 2008, e que vê na medida a forma mais eficaz de evitar que este incidente se transforme numa crise. Também o presidente do Parlamento Europeu, Hans-Gert Pöttering, recusa-se a aceitar que o «não» irlandês seja a última palavra ao Tratado de Lisboa.

A solução da conclusão das ratificações, associada a um segundo referendo irlandês, baseia-se no princípio de que um Estado não pode hipotecar o futuro de vinte e seis, como afirmou um deputado britânico no EUObserver. Apesar de parecer um convite para que a Irlanda pense melhor, depois de ter conseguido obter algumas clarificações ou protocolos adicionais que amenizem as suas preocupações, a continuação das ratificações e um segundo referendo poderá ter como objectivo colocar a Irlanda sobre tal pressão (onde a ameaça de exclusão seja mais ou menos clara para os irlandeses) que torne impossível uma nova rejeição. Para os seus críticos, esta solução além de poder ter efeitos contrários e resultar na inviabilização definitiva do Tratado de Lisboa, é anti-democrática, dando razão aos que acusam a UE de não ouvir os cidadãos quando estes são questionados sobre os seus interesses. De qualquer modo, para resultar, as restantes ratificações deveriam passar sem hesitações, o que poderá ser difícil em alguns Estados com dirigentes mais eurocépticos como a República Checa ou a Polónia. Seja como for, até ao momento, a ideia da continuação do referendo parece ser a ideia que reúne maior consenso, sendo também defendida pelo diário espanhol.

Congelar o Tratado de Lisboa: «life goes on»

O britânico Financial Times é um dos jornais europeus mais críticos da proposta de continuação do processo de ratificação e de repetição do referendo na Irlanda. Além de o primeiro-ministro irlandês ter afirmado ser inviável um segundo referendo, a sua repetição não garante um resultado positivo e só revela a não-democraticidade desta Europa, lê-se num seu editorial. Como alternativa, a Europa deve congelar o Tratado de Lisboa e avançar com o que tem: Nice. Pode não ser o ideal, mas perder Lisboa também não é o fim do mundo. Salvam-se as suas partes mais importantes e as que são mais consensuais e põe-se a Europa a funcionar de forma mais prática, com as regras actuais e os 27 Estados membros.

Pela mesma bitola se orienta o Times que critica duramente as medidas que propõem contornar o «não» irlandês. Por imposição constitucional, a Irlanda foi o único Estado que pôde interrogar os seus cidadãos quanto ao Tratado de Lisboa e, como tal, a sua

opinião deve ser ouvida e respeitada. O problema não está no «não», está no Tratado: opaco, complexo, e afastado dos cidadãos.

Numa outro artigo publicado neste diário britânico, sugere-se que a Europa continue como está. Se até agora conseguiu viver sem uma constituição, porque não há-de continuar sem uma? Aliás, fora a dor de cabeça com que acordarão a Irlanda e a UE depois deste referendo, tudo continuará como dantes, afirma um outro comentador do Times.

Recomeçar do zero

Enquanto não se reformar e se dedicar, inteiramente, às matérias globais que preocupam o mundo, a Europa continuará a ser uma estrutura burocrática, afirma o The Guardian. Mas para se reformar a UE não tem outro remédio que não agir como a acusam os seus detractores e colher, inevitavelmente, o cepticismo dos europeus, que não se limita aos irlandeses. E que aumentará se a União decidir continuar a ratificação, ignorando o referendo irlandês. Como solução, o diário britânico só vê uma saída (a mais radical): a construção, de raiz, dos argumentos pró-europeus e, possivelmente, do seu tratado.

Uma Europa a duas velocidades

Apesar de controversa, esta é a proposta do diário francês Le Monde. Incapaz de reformar as suas instituições à medida que se alarga, e prisioneira da regra da unanimidade só alterável com... unanimidade, a Europa só tem uma saída: criar, paralelamente, um clube de países prontos a aceitar a regra da maioria qualificada para fazer avançar a integração europeia.

Democratizar a Europa

A ideia de que o Tratado de Lisboa foi feito por elites políticas à revelia dos cidadãos europeus, e que, se pudessem exprimir-se, a sua maioria rejeitaria o documento tal como o fizeram os irlandeses, é comum a muitos dos comentários publicados na imprensa europeia. No EUObserver propõe-se a criação de um movimento para uma mudança democrática, e o Libération sugere a concepção de novas prioridades e a implementação de um novo modelo para a Europa. Das sete medidas que este diário francês apresenta, a curto e a médio prazo, salientam-se a democratização das suas instituições e processos de decisão e a orientação da sua acção para as preocupações do quotidiano dos cidadãos europeus. O que falta à Europa, lê-se num blog do Libération, é ser mais democrática e mais social. Tapar os ouvidos à opinião dos irlandeses é incorrer nos mesmos erros dos últimos cinquenta anos.

O El País, que defende a continuação das ratificações do Tratado de Lisboa, acusa também a Europa de ser uma estrutura tecnocrata, remota e sem ligação com a realidade quotidiana dos seus cidadãos.

No Spiegel criticam-se as propostas que visam contornar o «não» irlandês, salientando-se os efeitos contrários que poderão ter medidas que vão contra a opinião europeia. Por um lado, ser-se pró-Europa e pró-Tratado de Lisboa não é a mesma coisa e, por outro, a opinião pública europeia deve ser auscultada: é possível «europeizar» os referendos europeus.